

UMA LEITURA DA LEITURA ATRAVÉS DA *RECHERCHE* DE PROUST

José Celio Freire¹

Resumo

Este artigo tenta fazer o exercício de uma forma de análise em que o texto provoca no leitor sua capacidade de produzir novos textos enquanto suplementos. A partir de “À la recherche du temps perdu”, de Marcel Proust, estabelece-se um confronto entre várias leituras da obra, para, ao final, entender a própria leitura (interpretação) como encontro com a alteridade do texto, do autor e do próprio leitor.

Palavras-chave: leitura; interpretação; Proust.

Abstract

This paper tries to exercise a kind of analysis in which the text may instigate in the reader his capacity to produce new texts as supplements. From Marcel Proust's “À la recherche du temps perdu”, it's installed a confrontation between various readings of this work to, at the end, understand the interpretation itself as a meeting with the otherness of the text, of the author and of the reader.

Key words: reading; interpretation; Proust.

1 MINHA TRAJETÓRIA COM A RECHERCHE

Levado por uma curiosidade ancorada em vagas informações sobre o autor e sua obra, decidi ler *À la recherche du temps perdu* há mais ou menos seis anos. Ingenuamente, pus na mala os sete volumes de sua edição brasileira e parti para uma das belas praias do litoral cearense, Caponga, onde

hospedei-me num hotel rústico e de arquitetura um tanto mediterrânea com o sugestivo nome de “*La France*”, cujo proprietário era francês, escritor, casado com uma portuguesa que cozinhava divinamente pratos franceses à base de *moutarde, poivre verte et fines herbes*. Ele, Georges, se a memória não me é falha, reclamava das medidas econômicas do governo brasileiro com o xingamento peculiar de “*une merde*”, e ela, pacientemente apascentava seu filho passeando pelas varandas da casa-albergue, ao redor da piscina quase à areia da praia. Ingenuamente, dizia eu, pensava que leria *La Recherche* naquela semana de descanso merecido e solitário com que me autopresenteara. Não passei de umas duas centenas de páginas de *No caminho de Swann*, mas já sentia que a obra principal de Proust me marcaria para sempre. Sua leitura me acompanhou até fins de novembro de 1996² quando as marcas deixadas por suas quase três mil páginas me instigaram a escrever algo sobre o exercício peculiar da leitura, algo inteiramente próximo das discussões que travamos em sala de aula acerca da interpretação e da análise de textos e discursos³. Impressionante como aquilo de que tratávamos ressurgia vividamente das páginas da *Recherche* com um vigor inusitado. Era como se as questões da autoria, da interpretação, da superinterpretação, da criação e da intuição estivessem o tempo todo ali e agora eu pudesse enxergá-las, mas só as via porque também as criava ao meu modo. Proust já havia afirmado:

“Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo que ele pode fazer é dar-nos desejos. Estes desejos, ele não pode despertar em

¹ Professor do Departamento de Psicologia da UFC, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo.

² Esta data refere-se à primeira versão deste texto.

³ Refere-se à disciplina “Questões Conceituais da Análise de Textos e Discursos” da Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da USP, sob a responsabilidade dos Professores Doutores Luis Claudio Mendonça Figueiredo e Nelson Coelho Júnior, e ministrada no segundo semestre de 1996.

nós senão fazendo-nos contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte permitiu chegar.”
(Proust, 1905, p. 30)

É nesse ponto que, pretensamente, julgo-me encontrar agora. Na iminência de ter de dizer alguma coisa de meu, quando a leitura de Proust me possibilitou acessar algo que julgara perdido e, ao mesmo tempo, me força a criar o que apenas existe no registro do virtual. Muito da forma de perceber de Proust, as imagens proustianas, suas metáforas, a miscigenação de sons, formas, cores, palavras, nomes, me é extremamente *impactante*, ou porque me faz recordar algo para qual já não fazia referência, ou por me possibilitar o novo de uma experiência inefável do múltiplo e do diverso.

Li a *Recherche* e ao lê-la cada vez mais me vinha a certeza da necessidade de sua *releitura*, e de outra, e de mais outra... Mas a angústia que isso provoca é compensada pela certeza de que novos *Prousts* surgirão a cada tomo, a cada parte, a cada página. Em seus personagens frutos de uma miscelânea de recortes de várias pessoas que verdadeiramente viveram. Em suas paisagens ilusórias a um tempo e reais noutros. Em seu Narrador, ao mesmo tempo ficcional e autobiográfico. Mais ainda, uma outra certeza, a de que em mim ressurgirão e se criarão a um só tempo novas sensações, personagens, lugares, desejos, que não mais dizem respeito ao conteúdo da *Recherche*, mas às minhas recordações e esquecimentos. Pois foi Proust um dos escritores que primeiro falou, talvez, do poder criador do esquecimento, de sua importância para a Arte, para a *redescoberta* do Tempo.

Tenho a convicção de que não sou mais o mesmo leitor que iniciara a leitura da *Recherche* naquela praia desértica, na minha *Balbec*.⁴ De que não fui o mesmo durante os variados momentos da leitura e de suas interrupções. Hoje, ao provar o sumo de uma manga amassada com as mãos, mais uma vez lembrei-me da *madeleine*⁵ e das ilações a que conduziu Proust em todo o seu texto. Pois a manga rosa, como um seio de mãe nutridor e incestuoso, surgiu-me de pronto do fundo do meu esquecimento, fazendo-me claramente reviver passagens da infância e adolescência que julgara para sempre apagadas. Talvez tenha sido preciso ler Proust para me permitir deixar ser tocado por sensações e imagens que vão longe no tempo. Mas já não são, com certeza, as sensações e imagens que tivera, mas aquelas que hoje consigo recriar depois de tudo que tenho sido.

O que espero deste trabalho é poder evidenciar este processo de enredamento que foi a leitura da *Recherche*,

onde se dá a passagem das malhas criadas por Proust para nossos próprios fios entretecidos na memória e para além dela. Para isso, na próxima parte abordarei, *en passant*, leituras diversas da *Recherche* que enriqueceram a minha forma de entender Proust, e, mais que entender, de deixar-me tocar por sua obra de arte. Ao final, tentarei fazer a minha leitura do que seria a forma de interpretar um texto, um livro, um discurso, a partir desta influência proustiana. Assim, penso, estaria acrescentando algo à discussão hermenêutica ou à questão da interpretação.

2 OUTROS LEITORES DE PROUST

Inumeráveis as leituras feitas sobre Proust e sua obra por críticos literários do porte de Benjamin⁶, seu tradutor para o alemão. Pretendo aqui esboçar algumas destas posições para que fique clara desde já a multiplicidade de interpretações possíveis, as *démarches* e os vieses próprios de pensadores maduros em cujos trabalhos se percebe um eixo característico.

Iniciemos por Benjamin. O texto, em Proust, é aquilo que se tece, numa dialética da rememoração e do esquecimento, da eternidade e do tempo, da felicidade hino (ao que nunca foi) e da felicidade elegia (eterna restauração da felicidade original), num culto apaixonado da semelhança. A imagem para o surrealista Proust, surge como o verdadeiro rosto da existência. Seu trabalho e sua doença são a simbiose entre a criação determinada e o sofrimento determinado. Lembremos Benjamin:

“(...)o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração (...) trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura(...)”
(Benjamin, 1929, p. 37)

É nesse tecer incansável que se mostra o talento proustiano, ao ponto do excesso, do limite, do exagero, quando refaz continuamente seu texto, nas provas infinitas para sua impressão, adornando os cantos de página com inúmeras e sucessivas correções, acrescentando folhas extras sanfonadas, enxertando dezenas de páginas entre as marcações já existentes. É o infindável trabalho do artista, que faz o desespero do revisor, do tipógrafo, do editor⁷. Assim também caminha nossa leitura da *Recherche*, nos empurrando para acontecimentos e nos inundando de sentimentos a cada

⁴ Praia onde o narrador e ao mesmo tempo protagonista da *Recherche*, Marcel, passava suas férias ou descanso por motivos de saúde.

⁵ Um tipo de bolinho de farinha, cujo odor na imersão no chá provoca, para o Narrador da *Recherche*, reminiscências, como outras tantas impressões.

⁶ O próprio Benjamin cita Gallimard (seu editor), Jean Cocteau, Max Unold, a princesa de Clermont-Tonnere (Proust como uma personagem em *Au temps des équipages*), Léon Pierre-Quint, Ortega y Gasset, Maurice Barrès, Fernandez e Jacques Rivière (amigo de Proust e membro da *Nouvelle Revue Française*, sua editora). Paul Ricoeur, Julia Kristeva e Paul de Man encontram-se entre outros tantos leitores e comentadores de Proust.

⁷ Cf. Correspondência entre Proust e seu editor, Gaston Gallimard (1993).

curva, transbordando ora em imagens vividas ora em vívidos desejos. O que importa é que não se consegue permanecer incólume a essa experiência. Pignatari nos auxilia nesta metáforização:

“(...) o eu profundo é um fluxo contínuo de signos correndo no leito da memória e só se manifesta segundo impulsos inconscientes, em algumas situações, como correntes subterrâneas que emergissem. Como no sonho. Ou na arte.” (Pignatari, 1994, p. 255)

Porém há algo em Benjamin que nos antecipa Adorno, sua preocupação crítico-social, sua pertença à Escola de Frankfurt, que o faz interpretar em Proust a crítica ao feudalismo em decadência. Na superação de uma sociedade aristocrática por outra burguesa apoia-se a identificação da *Recherche* como obra sociológica:

“Somente Proust fez do século XIX um século para memorialistas”. (...) É evidente que os problemas dos indivíduos que serviram de modelo a Proust provêm de uma sociedade saturada, mas não os problemas do autor. Estes são subversivos. (...) seu foco é reconstruir toda a estrutura da alta sociedade sob a forma de uma fisiologia da tagarelice. Seu perigoso gênio cômico destrói, um a um, todas as máximas e preconceitos dessa sociedade. (...) pelo riso, ele não suprime o mundo, mas o derruba no chão, correndo o risco de quebrá-lo em pedaços, diante dos quais ele é o primeiro a chorar. (...) a unidade da família e da personalidade, a ética sexual e a honra estamental.” (Benjamin, 1929, p. 40-41)

Benjamin toma esse elemento *detetivesco* na curiosidade proustiana, onde a classe alta é vista como uma associação de malfeitores, *bem-consumidores*, através das lentes dos serviçais, pela fechadura da porta que separa a cozinha da sala de estar, pelo jogo de linguagem dos subalternos que em mensagens cifradas resistem ao domínio dos patrões. Assim, pressupõe Benjamin, é urdida a crítica da sociedade francesa do início do nosso século:

“A análise proustiana do esnobismo, muito mais importante que sua apoteose da arte, é o ponto alto de sua crítica social. Pois a atitude do esnobe não é outra coisa que a contemplação da vida, coerente, organizada e militante, do ponto de vista, quimicamente outro, do consumidor.” (Benjamin, 1929, p. 44)

E mais adiante:

“Proust descreveu uma classe obrigada a dissimular integralmente sua base material. (...) Esse desiludido e implacável desmistificador do Eu, do amor, da moral, como o próprio Proust se via, transforma sua arte imensa num véu destinado a encobrir o mistério único e decisivo de sua classe: o econômico. Com isso, ele não se pôs a serviço dessa classe. Ele está à sua frente. O que ela vive começa a tornar-se compreensível graças a ele.” (Benjamin, 1929, p. 44-45)

Não se pode, contudo, abordar a *Recherche* omitindo a questão do tempo. Benjamin vai tomar a temporalidade em Proust na dimensão do eterno, só que a eternidade diz respeito ao tempo entrecruzado e não ao tempo infinito. O método proustiano, por conseguinte, explora o *carrefour* temporal do que foi, com o que o desejo solicita que seja:

“O procedimento de Proust não é a reflexão, e sim a consciência. Ele está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa.” (Benjamin, 1929, p. 46)

O tempo remete para a morte, e o seu espectro em Proust foi a doença que o acompanhou durante toda a vida. Que limitou seus atos, mas possibilitou-lhe o sossego noturno para o trabalho de criação. Suas análises da doença e da morte acompanham o texto da *Recherche* desde o passamento da avó de Marcel, pelo de Swann, Charlus e Saint-Loup. No entanto, Benjamin traz-nos o novo de sua leitura ao tratar como auxiliar do método a condição asmática de Proust:

[Proust] “foi o regente magistral de sua enfermidade”(...) “A asma entrou em sua arte, se é que ela não é responsável por essa arte. Sua sintaxe imita o ritmo de suas crises de asfixia. Sua reflexão irônica, filosófica, didática, é sua maneira de recobrar o fôlego quando se liberta do peso de suas reminiscências.” (Benjamin, 1929, p. 48)

E a morte sempre anunciada:

*“(...) a morte o confrontava.(...)Mas não como fantasia hipocondríaca, e sim como *réalité nouvelle*, aquela nova realidade da qual os sinais do envelhecimento constituem os reflexos sobre as coisas e sobre os homens.” (Benjamin, 1929, p. 48)*

Assim resume Benjamin sua leitura da obra proustiana:

“síntese impossível, na qual a absorção do místico, a arte do prosador, a verve do autor satírico, o saber do erudito e a concentração do monomaniaco se condensam numa obra autobiográfica.” (Benjamin, 1929, p. 36)

E coroa:

“Pela segunda vez, ergueu-se um andaime como o de Miguel Ângelo, sobre o qual o artista, com a cabeça inclinada, pintava a criação do mundo no teto da capela Sistina: o leito de enfermo, no qual Marcel Proust cobriu com sua letra as incontáveis páginas que ele dedicou à criação do seu microcosmos.” (Benjamin, 1929, p. 49)

Agora tomemos a leitura de Adorno⁸, que um pouco atrás identificamos com a de Benjamin, no tocante à dimensão sociológica percebida na *Recherche*. No 107º. aforismo da *Minima moralia*, Adorno toma Proust como um herdeiro da obsessão balzaquiana pela decadência aristocrática:

*“O esquema da decadência, dentro da qual Proust conjura a imagem de sua society, mostra-se como o esquema de uma grande tendência do desenvolvimento social. O que se arruina em Charlus, Saint-Loup e Swann é o mesmo que falta a toda a geração seguinte, que já não conhece mais o nome do último poeta” (p. 147) “A excêntrica psicologia da *décadence* esboça a antropologia negativa da sociedade de massas(...)” (Adorno, 1951, p. 147)*

Adorno, porém, não poupa Proust de sua crítica. Proust descreveu a sociedade em que vivia, em todos os detalhes de linguagem, de etiqueta, de expressões e omissões. Contudo, entendia Adorno, não fora capaz de enxergar a dimensão social e política daquele momento. Ou seja, é na perspectiva em que se aproxima de Benjamin que Adorno se afasta das conclusões a que aquele chegara: a *Recherche* não teria uma importância revolucionária nem mesmo de dar a transparecer um tipo de formação social. Adorno interpreta a passagem em que Proust, enquanto Narrador, compara fotografias das avós de um duque e de um judeu classe média, julgando-as assemelhadas, ao largo da hierarquia social, afirmando que:

“(...) objetivamente desaparecem por detrás da unidade de uma época todas aquelas diferenças que compõem a sorte e até mesmo a substância moral da existência individual”. (Adorno, 1951, 6º aforismo)

Mas, parece-nos, algo se salva para Adorno, e diz respeito à dimensão da temporalidade. No entanto, cabe-nos a dúvida quanto à propriedade da interpretação do tempo enquanto memória, quando outros leitores, como veremos adiante, preferem divorciá-los. Talvez Adorno esteja a falar do tempo que se redescobre, o das impressões ou qualidades sensíveis, como aparece em Deleuze. Então, não se teria chegado à conquista final, pela Arte, do Tempo Redescoberto! Ora, para Adorno a memória adquire papel fundamental no resgate da lógica do desenvolvimento social - é uma socio-lógica:

“É por isso que a concepção de Bergson e Proust, dirigida contra a reificação, e segundo a qual o presente, a imediatez, só se constitui de modo mediato através da memória, essa interação do ago-

ra e do outrora, não tem apenas um aspecto redentor, mas também um aspecto infernal”. (Adorno, 1951, 106º. aforismo, p. 146)

Basta-nos, nesse momento, dispor destas, e somente destas, posições adornianas, até porque já pudemos tratar da questão do tempo livre, numa já referida ocasião, onde uma discussão mais rica foi-nos possível. De qualquer forma, desejávamos salientar a vertente sócio-crítica dos frankfurtianos que, apesar de ter sua inegável importância, nos parece carecer de meios para penetrar outras camadas do solo proustiano, onde o tempo transita da mundanidade para o do amor, deste para o das sensações, e, por último, destas para o da arte, resultando numa inefável *atemporalidade*, marca maior da obra prima de Proust.

Deleuze (1976) nos acompanhará agora nesta direção, buscando não as imagens, nem os fatos, mas os signos, signos com os quais Proust tão habilmente tratou do que existe de mais humano: o processo criador.

Há, para Deleuze, quatro níveis ou processos temporais na obra proustiana: um tempo que se perde (o da mundanidade⁹), um tempo perdido (o do amor e do ciúme), um tempo que se redescobre (o das sensações) e um tempo redescoberto (o da arte). Cada uma dessas formas trabalha com signos diferenciados. Estes signos são responsáveis não só pela constituição da obra, mas, e fundamentalmente, pela constituição da subjetividade do próprio autor. Podemos ir mais além e dizer da constituição do leitor pela obra. A arte proustiana produz-nos enquanto seus leitores, através de uma escuta que se produz a si mesma, implicando-nos quando apresentados aos acontecimentos que constituíram não só a personagem do Narrador, mas o próprio autor, sendo, pois, também, um acontecimento para nós. É esse sentido heideggeriano da produção do leitor pela obra, que nos indica Figueiredo:

“(...) trata-se da constituição da sensibilidade pela obra. Não é o gosto que funda o belo, mas a obra que cria o gosto, o que não se deve confundir, porém, com a suposta função ‘educativa’ da arte na modelação do ‘bom gosto’. Em decorrência, o juízo estético não corresponde a forma original de encontro com a obra de arte. Antes de qualquer juízo a obra se dá e se impõe no exercício de sua eficácia fundante: ela engendra sua posteridade.” (Figueiredo, 1994, p. 81-82, grifos do autor)

Nesse sentido podemos falar de uma leitura que é produzida pela própria obra, mas que transcende aos seus elementos explícitos, que é da ordem do tácito, daquilo que

⁸ Tivemos a oportunidade de tratar da posição adorniana em outro texto – *Proust e o uso do ócio: o avesso da pseudocultura*. – ainda não publicado.

⁹ Optamos aqui pela tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado na edição brasileira, para o termo que em português aparece como mundanidade (Cf. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, versão eletrônica, Nova Fronteira, 1996).

está nas entrelinhas do discurso ou do texto e que nossa escuta (ou leitura) propicia o surgimento. E são os signos que vão proporcionar a matéria-prima desta constituição de sujeitos autores e sujeitos leitores. Assim, voltamos a Deleuze. Ao se descobrir portador de inumeráveis signos, portanto ao se perceber autor, ao rememorar sensações através de sensações, imagens por outras imagens, gestos em gestos, Proust vê-se capaz de criar seu livro. Motta sintetiza esse clímax da *Recherche*:

“E assim termina, no ponto exato em que se propõe começar, fixado apenas como projeto e perfeitamente debruçado sobre seu próprio mistério, o romance do tempo perdido.” (Motta, 1990, p.297)

Para Deleuze, portanto, o tempo não é o da memória, como atrás havíamos assinalado numa comparação entre Adorno e Benjamin, mas o dos signos. A memória aparece muito mais como *mémoire involuntaire*, a que se volta para o futuro e que é tão bem utilizada pelo artista. E Deleuze ponderará sempre que é no seio da arte que se faz possível a singularização do sujeito, marcada por experiências subjetivas e subjetivadas que transcendem os limites da vida mundana, dos amores e das coisas sensíveis. E, nessa ordem, o artista deixa-se povoar pelos signos egressos do inconsciente e aproxima-se da arte, além ou aquém da estesia.

A parceria de Deleuze com Guatarri impõe-nos uma nova percepção da obra de Proust. A *Recherche* adquire a dimensão de uma “máquina literária”, onde não há nem se procura uma unidade, mas as distintas partes se reproduzem pelo encontro e desencontro com as demais. No *Anti-Édipo* os autores a ela se referem:

“Todas as partes são produzidas como lados dissimétricos, direções quebradas, caixas fechadas, vasos não comunicantes, divisões, onde até mesmo as contigüidades são distâncias, e as distâncias, afirmações, pedaços de quebra-cabeças que não vêm do mesmo, mas de quebra-cabeças diferentes, violentamente inseridos uns nos outros, sempre locais e nunca específicos, e suas bordas discordantes sempre forçadas, profanadas, imbricadas umas nas outras, sempre com restos. (Deleuze e Guatarri, 1972, p. 61)

De forma similar, mas tratando do uso da língua, Pignatari assinala:

“Na literatura, estas manifestações ganham contornos mais nítidos em situações-extremas, situações-limite: (...) complexamente hipotatizadas (subordinadas), como em Proust, onde os encaixes frásicos subordinativos são de tal forma labirínticos que acabam por destruir o fluxo discursivo linear, tal um fio de contas multicoloridas que, enrolado, em espiral, simultaneizasse as correspondências dos pontos de cor: (...) o enredo, por multiplicação, é tão enredado, que se estilhaça.” (Pignatari, 1994, p. 255)

São estes múltiplos desvios e entrecruzamentos que permitem, em Proust, abrir sempre a possibilidade do novo e aprofundar à extenuação o contato com o íntimo, com o recôndito, com o improvável, com o que, à espreita, habita em nós mesmos. O leitor de Proust é, então, convidado a passear por estes variegados caminhos e descobrir-se neles enquanto um novo autor. Porém, a tais ilações pretendemos voltar na última parte deste texto. O que resulta de uma obra monumental como a *Recherche*? Um todo unificado, com começo, meio e fim? Não, e para isso Deleuze e Guatarri infirmam toda e qualquer unidade:

“Proust dizia que o todo é produzido, que ele é ele próprio produzido como uma parte ao lado das partes, que ele não unifica nem totaliza, mas que se aplica a elas, instaurando somente comunicações aberrantes entre vasos não comunicantes, unidades transversais entre elementos que guardam toda a sua diferença nas suas dimensões próprias”. (Deleuze e Guatarri, 1972, p. 62)

Tratamos das imagens, do tempo, dos signos e da diversidade em Proust, apoiando-nos ora em Benjamin, ora em Adorno, ora em Deleuze ou Guatarri¹⁰. Tentaremos, agora, ensaiar a nossa leitura de Proust, após um longo percurso de leitura de *À La recherche du temps perdu*. Tencionaremos fazê-lo a partir do que o próprio Proust admitia como uma leitura¹¹ desejável.

¹⁰ Num outro momento, Guatarri explora mais especificamente a relação dos personagens Swann e Odete, o que não nos convém aqui e agora. Cf. F.GUATARRI. O amor de Swann como colapso semiótico. In: _____ e S. ROLNIK (1987) *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, p. 146-156.

¹¹ Um antigo prefácio a uma obra de outro autor, posteriormente transformado em um opúsculo sob o título “*Sobre a Leitura*” e citado mais atrás.

3 UMA LEITURA POSSÍVEL DA INTERPRETAÇÃO EM PROUST¹²

Tivemos a oportunidade de efetuar estudos sobre a questão da interpretação e análise de textos e discursos, como referimos momentos atrás. Nossa trajetória se efetuou desde a hermenêutica de inspiração husserliana, em Hirsh (1967), para a qual todo texto tem autoria, seu autor decide o sentido e qualquer subjetividade é fonte de erro para a interpretação; passando pela hermenêutica de inspiração heideggeriana, que implica numa abertura do leitor para o texto, num movimento intuitivo *pré-teorético* que pressupõe uma dimensão *linguageira* da experiência e uma apropriação do texto pelo leitor; chegando a Gadamer (1977) com a fusão dos horizontes da obra e do leitor, este que não pode abdicar de seus *pré-conceitos* e de sua história eficaz, numa constituição de um campo *intersubjetivo*. Por último, o *desconstrucionismo* de Derrida (como o vê Desilet, s/d), que privilegia a *différance* (diferença ou diferença), a produção de marcas e adiamentos (o presente perpassado por passados e futuros), a eficácia da obra produzindo variadas interpretações ou suplementos. Ler um texto, em contraste, pode significar tanto interpretá-lo, usá-lo ou *desconstruí-lo*. No primeiro caso, buscar-se-ia uma verdade (por correspondência) do texto. No segundo, ele seria apenas o estímulo complexo para minha reação pragmática. No terceiro, ele adquire ares de máquina de subversão, produzindo efeitos e buscando convicção. Rorty (1994) e Derrida, portanto, estariam fora do campo da interpretação, da hermenêutica, como o segundo Heidegger que buscará nas marcas, no envio e no retraimento do ser, os seus vestígios (em especial na fala poética). Nesse sentido, não podem ser acusados de *superinterpretação*, aquilo que Eco (1993) entende por uma interpretação defensiva e paranóica do leitor, que não quer ser enganado e sempre vê algo por trás do texto, um texto que é incapaz de controlar a fala do intérprete. O que pretendemos empreender a partir de agora é a nossa leitura do que Proust entendia por uma leitura, ou interpretação, baseando-nos principalmente em seu texto sobre esta questão - “*Sobre a leitura*”¹³. Para tanto, nos utilizaremos de excertos de “*Em busca do tempo perdido*” que nos pareçam esclarecedores das idéias do autor, e das nossas próprias, sempre que for necessário. Esperamos contar com a paciência de nosso leitor para tantas interrupções, como se já não as houvesse tido em demasia até então (referimo-nos às inúmeras citações anteriores). Mas são, parece-nos, a chave para buscar deixar nossas próprias marcas, com excessiva pretensão, através de um jogo de seme-

lhanças que tencionam produzir diferenças. Desta forma, nosso trabalho assume desde já o caráter de um suplemento. Proust ensina-nos, já num primeiro momento, que prefaciá-lo não é resenhar, mas deixar vir à tona tudo aquilo que a leitura do livro produziu em nós. E nele, Proust, esta produção gerou um texto brilhante acerca da leitura, que esperamos ter aproveitado o suficiente para bem fazermos a nossa própria. Para nós, uma leitura é uma forma de nos achegarmos a nós próprios, não para exorcizar nossos fantasmas, nem para ressuscitar nossos mortos, mas para possibilitar o surgimento daquilo que se oculta de nós mesmos, do diferente em nós, do outro que nos habita, dos nossos diversos eus, como diria o próprio Proust:

“(…) a alma se me afigurara, na duração da vida, como uma série de eus, unidos mas distintos, a morrerem uns após outros, ou mesmo a se alternarem (...) [Volume 6: A Fugitiva (Albertine disparue, p. 208)]

A leitura que se afina plasmada no “original”, a tal ponto inoculada pela genialidade da obra que não se permite ousar sua própria criação, é mera cópia, é plágio, não chega a ser paródia. Sem o sabor do inédito e do singular, resvala para a imitação banal, para a *mesmidade*. A leitura propriamente dita implica superações, ensaios, vôos solitários de um leitor que bebe da fonte do texto, sem embeber-se numa intoxicação que impede o exercício livre do pensar. Para Proust, a leitura é um ato psicológico, portanto algo que dispõe do próprio leitor para sua construção, que o induz ao confronto com sua biografia, enquanto processo e enquanto projeto. Nesse sentido, como a música, a leitura não é entretenimento, é envolvimento e desvelamento. Proust vai ainda mais longe ao afirmar, a propósito da comparação entre o livro e o amigo:

“(…) a leitura não poderia ser assimilada a uma conversação, mesmo com o mais sábio dos homens; que a diferença essencial entre um livro e um amigo, não é a sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles, a leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo.” (Sobre a leitura, p. 27)

¹² Tomamos a liberdade de alterar a diagramação, a partir de agora, num misto de homenagem e permissão para o exercício da diferença, seguindo uma deixa de Benjamin que observou que “Proust (...) afirmava preferir que toda a sua obra fosse impressa em um único volume, em coluna dupla, sem um único parágrafo.” (p. 38)

¹³ Este pequeno opúsculo data de 1905, sendo portanto anterior à *Recherche*, sua obra-prima escrita entre 1905 e 1922, quando morre aos 51 anos, e publicada de 1913 a 1927, em parte postumamente.

A leitura é um ato solitário e revelador. Já não é possível comunicar-se direta e imediatamente com o autor (mesmo ainda vivo), a não ser com a obra. Mas a obra já não pertence ao autor, já é do domínio do público, já fala por si mesma e provoca interpretações várias. O autor pode até ter modificado seu pensamento e proscrito sua própria criação, mas o leitor interage com ela como restou produzida num dado momento. Por outro lado, o leitor comunica-se consigo mesmo, com os aspectos de si que a obra despertou ou engendrou, com a inarredável sombra que lhe coloca ao encalço, no trajeto pelas páginas e nas idéias com que o defronta. E nesse mirar descontínuo em espelhos diferentes, ora côncavos ora convexos, penetra no fundo de si mesmo e pode retirar daí a produção de uma nova escrita. Releiamos Proust:

“Na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar.” (Proust, 1905, p. 35)

A *Recherche* se constitui para nós nesse tipo de leitura. Quando Proust nos fala da vida em sociedade, das relações amorosas, das sensações e impressões cotidianas e, principalmente, da arte (seja música, seja pintura, seja literatura), calam em nós, profundamente, desejos, memórias, interditos, sentimentos e falas, tão genuinamente experimentados e tão prazerosamente *redescobertos* que nos impulsionam a dizer algo, a ser algo, que antes não pensáramos possível. Em “*No caminho de Swann*”, esse incerto caminho de nós mesmos aparece-nos, assim:

“Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá.” [Volume I: No Caminho de Swann (Du côté de chez Swann), p. 49]

E, assim, perseguem-nos, na leitura, não só as palavras de Proust, mas os lugares onde as escutamos, os lugares contidos na obra - *Combray*, *Balbec*, *Méséglise*, *Doncières*, *Martinville*, *Faubourg Saint-Germain*, etc. - e os lugares onde a lemos - Praia da **Caponga** (areal alagado coberto por vegetação baixa), Serra da **Meruoca** (casa de mosca), Bairro do São João do **Tauape** (lugar de barro amarelo), Praia das **Barreiras** (tipo de falésia) do Icapuí, Bairro do **Butantã** (antiga fazenda de gado em São Paulo)¹⁴

- ou que dela emergiram em comunhão com nossas lembranças. São como resistência calada ao ímpeto *desterritorializador* dos *não-lugares* que na visão *pós-moderna* constituem o inverso da utopia, pois existem mas não abrigam nenhuma sociedade orgânica, como bem o disse Augé (1994). Nos lugares proustianos, que nos reportam aos nossos lugares presentes, enxertados de passado e futuro, ainda há identidades¹⁵ preservadas, são “territórios retóricos” onde abundam a peroração e a advertência, o elogio e a censura, os indivíduos são identificados, socializados e localizados não só na entrada e na saída, mas e, principalmente, ao estar em convívio, nos gestos, nas falas e, mais cabalmente, nos silêncios com que marcamos nossa presença no mundo. No entanto, não se escapa ao plural, efêmero e rúptil. Os caminhos que nos levam de uns a outros desses lugares, não são caminhos reais, mas surreais, liames inconscientes entre personagens e circunstâncias, que só podem ocorrer para o Narrador e seus leitores, no mundo daquele como percebido por estes, e no mundo destes criado e recriado na e pela intersecção que aquele provoca. Acontece que na leitura, também, além de lugares e nomes, encontramos o que não fomos buscar, a nós mesmos, nossos pensamentos, nossas ações, nossas intenções recônditas. No caso específico da *Recherche*, em muitos momentos se nos deparamos com algo que havíamos pensado de forma semelhante, duvidado intransigentemente, esquecido com negligência. Na leitura, entretanto, lá estão quase com as mesmas palavras as idéias que nos envergonhavam, que tínhamos por simplórias ou banais, que escusávamos a autoria ou, pelo menos, a cumplicidade. Mas Proust não nos perdoa:

“Assim às vezes ao lermos a obra-prima nova de um homem de gênio, é com prazer que encontramos nela todas aquelas nossas reflexões que tínhamos desprezado, alegrias, tristezas que havíamos reprimido, todo um mundo de sentimentos desdenhados por nós e cujo valor o livro onde o reconhecemos nos assinala subitamente.” [Volume 5: A prisioneira (La prisonnière) p. 268]

Em Proust aparecem-nos na forma de impressões sobre o amor romântico, e o ciúme que lhe corresponde; sobre a doença e a morte, que nos perseguem cada vez mais de perto a medida que avançamos no tempo; e sobre a sexualidade e o *homoerotismo*, temas tão inconclusos quanto incômodos, mesmo para tempos tão novos. Junto a estes, seguem a amizade, a produção literária, a mentira, dentre tantos outros. Cada um destes temas, aqui e ali, demonstram a

¹⁴ Caponga e Barreiras são praias do litoral leste cearense; Meruoca é uma serra da Zona Norte do Ceará; Tauape é um bairro de Fortaleza; e Butantã, um bairro paulistano.

¹⁵ Toda a questão relativa à identidade ficará em suspenso neste momento, mas tendo-se claro que uma visão pós-epistemológica denuncia esta pretensão conceitual, em prol de outra que explora, com suas vantagens, o múltiplo, o diverso e o diferente.

proximidade com nossos próprios devaneios, com nossas próprias esperanças, com nossos próprios vícios. Mas se aproximam de nós, distanciando-se talvez do “original”, como nossos tipos clonais, assustando-nos com sua verossimilitude, pois que a verdade¹⁶, esta já foi abolida em sua arrogante universalidade e unicidade. O leitor, antigo intérprete e novo autor, deve assumir sua *performance*, e Proust percebia isso ao ensaiar ser leitor de si mesmo:

“Não adianta saber que muitas pessoas que lerão este artigo o acharão detestável; no momento em que leio, o que eu vejo em cada palavra me parece estar no papel, e não posso crer que cada pessoa, abrindo os olhos, não veja diretamente as imagens que eu vejo, acreditando que o pensamento do autor é diretamente percebido pelo leitor; quando a verdade é que se trata de um outro pensamento fabricado em seu espírito, com a mesma candura de quem imagina que é a própria palavra que pronunciamos que caminha tal e qual ao longo dos fios telefônicos; no momento mesmo em que eu quero ser um leitor, meu espírito repete, como autor, a experiência dos que lerão meu artigo.” [Volume 6: *A fugitiva* (Albertine disparue) p. 143]

Mais adiante fechará o círculo hermenêutico¹⁷ que constitui esta visão da obra e da leitura da obra:

“(…) o pensamento do autor (…) só se realiza completamente no espírito dos leitores, e aí se consuma.” [Volume 6: *A fugitiva* (Albertine disparue) p. 143]

Nós, leitores, somos então convidados a fechar e manter abertas sucessivas *gestalten* que compõem o universo da compreensão propiciada por uma boa leitura.¹⁸ Somos *co-partícipes* desta empreitada que a obra literária instaura. Mas não sem dificuldade, pois a inteligência, quando se coloca adiante da intuição, elide o vigor da obra que é lida, como o faz com o processo de a criar. E, para nós, operários da inteligência, cava-se um fosso entre nós e o texto, sobre o qual uma pênsil e estreita ponte se projeta, diferentemente do artista (ou daquele que lhe contempla a obra sem ser experto ou academicamente) que sensível à obra deixa-se tocar e guiar por ela, percorre-lhe fosso e cumes, para só num segundo momento permitir a insurgência do intelecto. Proust assevera:

“A impressão é para o escritor o mesmo que a experimentação para o sábio, com a diferença de ser neste anterior e naquele posterior o trabalho da inteligência. O que não precisamos decifrar, deslindar a nossa custa, o que já antes de nós era claro, não nos pertence. Só vem de nós o que tiramos da obscuridade reinante em nosso íntimo, o que os outros não conhecem.” [Volume 7: *O tempo redescoberto* (*Le temps retrouvé*), p. 159]

Que mais dizer da leitura, a partir da leitura de Proust, de sua *Recherche*, quando se tem por obrigação parar num determinado momento? Como deixar-se por asas e planar no horizonte das possibilidades que tal leitura instaura, quando de alguma forma aprisionados na fôrma de um texto que se presta ao olhar acadêmico, aos critérios de uma publicação ou às exigências de uma matéria curricular? Sabemos que assim corremos o risco de não termos produzido um ensaio crítico-literário minimamente razoável. Mas se não tivermos aprendido, até aqui, a importância de correr riscos, até mesmo exigirmo-nos ser *não-razoáveis*, de que teria adiantado todo o esforço? Aos acadêmicos de maneira geral, e aos psicólogos de forma muito especial, parece-nos, cabe o confronto com uma forma de leitura *não-técnica*, com a boa literatura, que pelo pragmatismo de falar da vida dos homens como ela é, à la Nelson Rodrigues, os habilite mais seriamente a cuidar deles, a escutá-los e não a dizê-los.¹⁹

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. (1951) *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.
- AUGÉ, Marc. (1994) *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- BENJAMIN, Walter. (1929) A imagem de Proust. In: *Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 36-49.
- DELEUZE, Gilles. (1976) *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____ e GUATARRI, Félix. (1972) *O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 61-62.

¹⁶ Da mesma forma que a identidade, a verdade - enquanto correspondência - já não goza de estatuto líquido e certo, numa formulação onde a razão foi destituída de seu pedestal. Cf. Feyerabend (1991).

¹⁷ Trata-se aqui de assumir-se em seus preconceitos, mais que em seus julgamentos. Para Gadamer (1982) (a partir de Heidegger), por exemplo, são os preconceitos que constituem nosso ser, ao contrário do que suporia uma visão iluminista). Daí decorre que a leitura implica num ininterrupto ir e vir do mundo do texto ao do leitor.

¹⁸ Com todo cuidado necessário devemos pensar a “boa” leitura ou a música “séria”, em oposição ao que Adorno condenava como “indústria cultural”.

¹⁹ Ao ter de finalizar o texto, pude observar, na revisão, que sua primeira parte foi escrita na primeira pessoa do singular, justamente onde abordei minha trajetória pessoal com a leitura de Proust. A segunda e a terceira partes, por sua vez, o fiz na primeira pessoa do plural (“de modéstia”). Isso se deve, talvez, à necessidade de teorizar sobre a leitura (segunda parte) e à consciência implícita de que minha própria leitura não é só minha (terceira parte). Preferi não alterar o texto e evidenciar o lapso, pois sua explicitação pode dar mais frutos do que sua correção.

- DESILET, Gregory. Heidegger and Derrida: the conflict between hermeneutics and deconstruction in the context of rhetorical and communication theory. *Research in Phenomenology*. Vol XVI: 152-170.
- ECO, Umberto. (1993) Superinterpretando textos. Autor e texto. In: *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.
- FEYERABEND, Paul. (1991) *Adeus à Razão*. Lisboa: Ed. 70.
- FIGUEIREDO, Luis Claudio M. (1994). *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Escuta/EDUC.
- GADAMER, Hans-Georg. (1977) Scope and function of reflection. Man and language. In: *Philosophical hermeneutics*. Berkeley: Univ. of California Press, p.18-68.
- _____ (1982) Le problème herméneutique. In: *L'art de comprendre. Herméneutique et tradition philosophique*. Paris: Aubier.
- HIRSH JR., E.D. (1967) Objective interpretation. In: *Validity and interpretation*. New Haven: Yale University Press. p. 209-244.
- MOTTA, Leda Tenorio da. (1990) A história de um texto. In: PROUST, M. *O tempo redescoberto*. São Paulo: Globo. p. 297-303.
- PIGNATARI, Décio. (1994) Falésia Joyce. In: NOVAES, A. (org.) *Artepensamento*. São Paulo: Cia das Letras, p. 249-257.
- PROUST, Marcel. (1905) *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.
- _____ (1913-27) *Em busca do tempo perdido*. São Paulo, Globo, 1989-90.
- _____ e GALLIMARD, Gaston. (1989) *Correspondência*. São Paulo: Ars Poetica, EDUSP, 1993.
- RORTY, Richard (1994) *Filosofia e o espelho da natureza*. Parte Três. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.